

ELOGIO

*Arquivo da Comp<sup>a</sup> das Ind<sup>as</sup>*

FUNEBRE *Granda*

*de* DE *ca-194*

BELCHIOR DO REGO  
DE ANDRADE

FEITO PELO

MARQUEZ DE VALENCIA.



LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,  
Impressor do Eminent. Senhor Card. Patriarc.

M. DCC. XXXVIII.

*Com todas as licenças necessarias.*

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT





ELOGIO FUNEBRE  
 DE  
 BELCHIOR DO REGO  
 DE ANDRADE.



Uma das muitas fortunas do Reynado do Grande D. Joaõ o V. foy a vida empregada no seu real serviço do Desembargador Belchior do Rego de Andrade, e huma das poucas desgraças deste Augusto Principe foy a morte de hum Ministro taõ completo. Não me atrevera a dar tal louvor ás suas virtudes, se a republica perdera em Belchior do Rego hum Senador inteiro, sabio, indepẽdente, e authorizado, pois com estes doctes, e qualidades para o exercicio das letras tem o nosso Monarcha muitos ministros nos seus tribunaes. Não faltaõ Bartolos, e Baldos, que entendaõ os textos, e conciliem as suas antinomias, que comprehendãõ os apices de direito, e que exercitem em beneficio dos bons, e castigo dos máos a jurisprudencia. Não faltaõ Aristides, e Catoens, que no Areopago, e Senado de Lisboa conservem no seu vigor o respeito, e gravidade da Toga. Mas não saõ estas as circumstancias principaes, que fazem saudosa a memoria de hum ministro. Entaõ he desejado o seu nome, e sentida a sua falta, quando a ciencia se acompaña do arbitrio prudente, quando o

modo, e a modestia: se vem em toda a fortuna, e com todos os homens, quando não he mais prompto o castigo para a culpa, que o premio para a virtude, quando o favorecer he por natureza, e o castigar por obrigação do officio, e com violencia do genio. Eis aqui o que praticou sempre Belchior do Rego desde que começou a servir a patria.

Se louvamos nos ministros a limpeza de mãos, que louvores devemos dar a Belchior do Rego, que não só teve as mãos limpas, mas liberaes, não só mãos de ministro incorrupto, mas de homem o mais generoso? Foy só no que faltou á moderação, com que vivia, pois se não contentou com dar como homem particular, e como ministro, em quem parece melhor o desapego, que a grandeza: podendo repartir pelos pobres os seus ordenados, e nesta repartição mostrar-se hum ministro esmolero, e caritativo, passou a despender todos os seus bens no soccorro da pobreza. Sabemos que Seneca não tomou os conselhos, que deo sobre o desprezo das riquezas; porque ainda que era Filosofo, era ministro de hum Imperador, sendo mais facil o desinteresse para não adquirir as riquezas, q̃ a independencia para as não conservar. Como para os animos liberaes he a menor dadia o dinheiro, não se satisfez Belchior do Rego com soccorrer os pobres, senão com não aceitar dos ricos; pareceolhe pequeno emprego para a sua liberalidade remediar a miseria sem accrescentar a abundancia: por esta causa não recebia muitos ordenados, e propinas, que lhe tocavaõ, e não cobrava dos seus cazeiros parte da renda, que lhe deviaõ: nunca executou devedor, ainda que tivesse meyo para se pagar da sua divida: sempre conservou os mesmos rendeiros sem aumentar as fazendas, que lhe traziaõ; em fim excedeo muito a independencia de Attico por mais q̃ a pinte com taõ finas cores a pena de Cornelio Nepote.

A liberalidade das mãos, que podéraõ servir no corpo de Alexandre, se juntou a generosidade do coração: ser liberal consiste na distribuição do dinheiro, e ainda mais em desprezallo que em repartiillo: ser generoso tem mayor esfera para se exercitar e ta virtude; não basta favorecer sem estimar, nem estimar sem distinguir. Todos querem nascer honrados, mas poucos viver honrados: todos desejaõ ser illustres como as estrellas, mas poucos ter a sua benefica natureza. Belchior do Rego em nada poz tanto cuidado, como em attender a honra dos homens, e distincão das pessoas. Pertendia que houvesse a mesma differença de jerarchias na terra, que ha no Ceo; e que os homens se governassem pelos estylos, que se governaõ os Anjos. Sei que achando todos em Belchior do Rego huma singular benevolencia, o seu respeito, e o seu obsequio só o applicava á primeira nobreza: foy o Ministro, que mais a servio com as suas letras, e que mais a obrigou, e recõmendou com os seus arbitrios. Não se póde dizer facilmente a attençaõ, e cortezia, com que tratou os cavalheiros: quando o arguiaõ de não frequentar o Paço, respondia que aquelle lugar só era proprio dos fidalgos. Que mayor prova desta estimaçaõ, que não occupar o assento de Regedor, que não ouvir a Missa dentro do Oratorio da Relaçãõ, e não de fora com os mais ministros, entre os quaes escolhia antes ser companheiro, que superior?

Nem a compaixão, a desgraça, nem o respeito á fortuna lhe embarçavaõ administrar a justiça, provando-se a inteireza do seu animo no zelo discreto, mas livre, e efficaç, com que aconselhava ao seu Principe. Ditofo Principe, que tinha hum Ministro, que lhe fallava com liberdade; mais ditofo Ministro, que tinha hum Principe, que avaliava a liberdade por serviço. Muito honra o nosso seculo acharse esta virtude nos tribunaes; mas muito mais encontrar-se o premio della nos palacios. Julgar

gar honras, vidas, e fazendas só o pode fazer com louvor quem tiver grande affecto á honra, quem souber que só a honra está primeiro, que a vida, e quem reparar que a vida se expõem por alcançar a fazenda. Todo este conhecimento teve Belchior do Rego por muitos principios: pela nobreza, com que nasceo, pela honra, que conservou, e pela fazenda, que repartio, sendo meyo para zelar a dos outros desprezar a propria. Se paráraõ aqui as suas virtudes, ainda o bem publico podia convalecer desta ferida. Parece fabulosa a expedição, que este Ministro deo ás partes, pois he necessario fingillo hum Argos com cem olhos, para que podesse ver os papeis, que lhe mandava o nobre Principe, e hum Briareo com cem mãos para escrever tantas repostas. Não he a ciencia, e o desintereffe a primeira parte de hum ministro; não he a candidez, e o modo o primeiro attributo de quem governa; he a brevidade de despachar, e a pressa de deferir. Oh se as estalagens, os hospitaes, e as portarias fallassem! Mas que importaõ as vozes sem os ouvidos? Podéra Belchior do Rego ser taõ expedito em despachar, e deixar muitos feitos sem despacho para os seus successores. Se he muito para admirar que hum ministro empregado só em hum tribunal não prejudique as partes com dilações, qual deve ser a admiração de toda a Corte vendo a Belchior do Rego o mais prompto nos despachos, e o mais occupado nos lugares da republica? Que percepção dos negocios, e delicadeza de consciencia mostra esta expedição, e desembaraço? Que conhecimento do valor, e inconstancia do tempo? Que attenção ao cabedal, e paixoens dos homens? E que despeito á fragilidade da paciencia, que costuma faltar, quando he mais precisa aos pretendentes? Excede todos os exemplos, que deo Belchior do Rego aos seus companheiros, despachar hum unico feito, que tinha em sua casa, estando já desconfiado da medicina; mas não

nie detenho em ponderar esta acção, pois se na morte os maos desejaõ ser bons, que maravilha he que os bons procurem ser perfeitos?

Porém como não basta despachar com brevidade, se se não despacha com ciencia, e rectidão, he necessa-  
rio que nos lembremos dos grandes pleitos, que Belchior do Rego sentenceou como Ministro dos Aggravos, e que defendeo como Procurador da Coroa. Onde se vio o amor da justiça votando contra as conveniencias dos poderosos, e do seu soberano, e o zelo da fazenda real defendendo os interesses do seu Principe? Como Juiz era o mais solido nas suas sentenças, como Procurador Regio era o mais sutil nos seus patrocínios. As suas respostas pareciaõ de oraculo por breves, e não por confusas: as suas duvidas, reparos, e objecçoens eraõ hum no Gordiano, que não podia cortar a agudeza dos engenhos. Com tudo os litigantes não desejavaõ outro Procurador da Coroa; porque se arriscavaõ as suas causas, não perdiaõ o seu tempo, nem a sua authoridade: perdas, com que não póde a fortuna do vencedor, quanto mais a desgraça do vencido. Para Belchior do Rego fazer graças, e merces bastava que houvesse quem lhas pedisse. O mais, que chegou a dizer ou a verdade, ou a lisonja de Plinio, foy que a Trajano não constou adverfidade, que elle não remediasse com promptidão. Mas ha grande differença de remediar desgraças a satisfazer desejos, e he menos ser compadecido, para que os homens vivaõ sem oppressão, que liberal, para que vivaõ com prosperidade. Nenhum motivo havia para Belchior do Rego não favorecer a todos: se era pobre, para o livrar do abatimento: se era rico, para o conservar na fortuna: se era benemerito, para lhe premiar a virtude: se era indigno, para lhe encubrir o defeito: se era illustre, para lhe accrescentar a veneração. No exercicio da amizade foy singular; não teve competidor, senão no

tempo de Pylades, e Orestes, e temo que não tenha imitadores por serem mais os exemplos da ingratitude, que os da boa correspondencia. Conservou sempre os amigos, que elegeo, porque sabia pelos conselhos de Cicerão, e de Seneca que era tão difficiloso o escolhellos, como perigoso o deixallos, e que se os bons são o premio, os aleivosos são o testemunho da amizade.

Em nenhuma circumstancia luzio tanto Belchior do Rego, como no dom do conselho, porque era dotado de grande prudencia para encaminhar os negocios, de feliz memoria para se valer das doutrinas, e successos, que tinha observado: além deste cabedal para ser bom conselheiro tinha hum arbitrio tão abundante de meos termos, que não havia para elle labyrintho de duvidas sem muitos fios, por onde se livrasse o seu engenho, e desafogo. Ao dom do conselho se lhe unio o dom da brevidade com ventagem ao Laconismo dos Lacedemonios, pois esta nação só a tinha no dizer, e Belchior do Rego no dizer, e no obrar. Fallava como entendia, escrevia como fallava: não cuidava no ornato das palavras como Filósofo: conservava o caracter de Ministro, que em nada deve ter superfluidade, pois conforme a opiniaõ de hum bom Auctor a eloquência viveo sempre entre muitos vicios, e foy mais damnosa, que util aos seus professores. Estes dotes fizeraõ a Belchior do Rego não só famoso na jurisprudencia, mas na politica, fallo da christã, e da que compete a hum Senador, que antepoem o zelo á dependencia, e a sinceridade ao artificio. Que homem ha amante da virtude, e da aura popular, que deseje a fama de Tiberio, o nome de Tacito, a memoria de Machavelo? Que importa que estes homens sejaõ os oraculos das razoens de estado, se são os mestres das femraçoens do governo? Nenhum destes males continha a politica de Belchior do Rego; attendia ao respeito do Principe, olhava para o bem dos vassallos, queria a re-

publi-



publico florente, e os particulares com alivio; procurava extinguir os vicios, e não os homens; contentava-se com a sua emenda, e não aspirava á sua perfeição; em fim contemplava a justiça em todas as suas partes, mas não exercitava só a punitiva, que no fiel da sua balança tanto se ha de pezar o vicio, como a virtude.

Naõ tenho fallado atégora com distincção nas letras de Belchior do Rego por me parecer ocioso, vendo os muitos tribunaes, em que servio em tempo de hum Rey sabio, e restaurador das ciencias. Além de que como poderia Belchior do Rego ser hum Ministro tão consultado do seu Principe, tão respeitado dos seus companheiros, tão invejado de alguns homens, e tão amado de outros, se não fosse hum jurisconsulto da primeira ordem; conhecido por tal na sua nação, e nas estrangeiras? Quando se louva hum General, já se suppoem, que he valeroso; quando se louva hum Principe, já se suppoem, que he magnifico; assim quando se louva hum Senador, já se suppoem, que he ciente. Mas foy letrado Belchior do Rego com aquella circumstancia, que ponderou Tacito na vida de Agricola, de quem disse que conservára, o que era mais difficultoso, a moderação no saber. Naõ são mais perigosas as riquezas para os avaros, que as ciencias para os doutos; por isso quando a Escriitura fallou na sabedoria, usou da palavra sobriedade, para ensinar que ella he tão necessaria nos estudos, como nos alimentos; e para viver com saude, como para viver com innocencia. Ninguem soube mais pela consillaõ dos mesmos ministros, que Belchior do Rego: ninguem o mostrou mais nos seus empregos, porque eraõ muitos, de grande consideração, e de diferentes naturezas: ninguem o occultou mais nas suas praticas, e discursos; tudo se via nelles, menos a ostentação, e jaçtancia de letrado, imitador da modestia de Socrates, que affirmava que só sabia que não sabia, ou lembrado, e temeroso de  
que

que se não aproveitáraõ as ciencias irfufas , como haõ de valer as adquiridas.

Despachava Belchior do Rego a toda a hora em sua casa , e fóra della continuava o mesmo exercicio. Não dizia como muitos: Eu tenho casa, em que fallo, eu tenno tribunaes, em que despacho, eu tenho consultas, a que respondo, eu, se sou ministro, sou homem, se a republica depende do meu trabalho, a minha familia necessita do meu descanso. O certo he que só Belchior do Rego soube entender, e praticar as obrigaçoens de hum Ministro publico, porque despachava na cama a pezar do fomno, na mesa a pezar do regalo, na visita a pezar da attençaõ, na rua a pezar da liberdade, nos dias feriados a pezar de todo o alivio da natureza. Sim, que está primeiro a faude publica, que a dos particulares, e a vida do reyno, que a dos ministros. Nunca se alterou Belchior do Rego pela multidaõ dos memoriaes, pela injustiça das pretensõens, e grossaria dos pertendentes, sempre conservou o mesmo semblante, a mesma voz, o mesmo acerto de palavras, a mesma suavidade de repostas: os humildes sahiaõ da sua presença julgando que eraõ mais do que cuidavaõ, e os illustres que não eraõ menos do que entendiaõ: os pequenos com favores, os grandes com obsequios, e todos sem queixa, quando a justiça impedia os beneficios. Aquella loucura de pouco tempo, aquella inimiga de todo o conselho, ou aquella conselheira de toda a semrazaõ, e tyrannia (digo a ira, e o furor) nunca entrou no coração de Belchior do Rego.

Lembravase Belchior do Rego do que disse aquella velha ao Imperador Adriano, vendo-o impaciente com o seu requerimento: Pois renuncia o teu ministerio, já que renuncias a tua obrigaçaõ. Se Antigono disse a seu filho que o reynar não era mais que hum nobre cativo; que esperaõ os ministros deste tempo? Que seja libe-

Verdade para as togas o que he cativeiro para as purpuras? Governado por estas maximas admittia Belchior do Rego a toda a casta de pessoas, e lhe fallava com muito soffrimento, e mansidaõ, pondo tal advertencia nesta primeira parte de ministro, que soube tirar a soberba ao mando, e a vileza ás pertensoens, pois quem observava a brandura, e humanidade, com que respondia aos hommens, persuadia-se que o poder naõ era taõ grande fortuna, e a dependencia tamanho castigo.

Como as virtudes saõ como as graças, que se daõ as maõs humas ás outras, deraõ-se as maõs as virtudes moraes, e christans de Belchior do Rego. Naõ só foy esmolero, mas conseguiu a virtude de saber entender sobre o pobre, remediando muitas pessoas de bom nascimento, a quem naõ custa mais o padecer, que o confessar a pobreza. Mas para que se naõ perdesse a utilidade do bom exemplo, dava esmolas publicas, em que evitava o escandalo de ter muitos bens sem os repartir, quando este he o fim porque Deos permittio em huns a miseria, e em outros a abundancia. Naõ parava aqui o fogo da sua caridade, naõ só ardia na materia dos pobres, resplandecia no culto das imagens, e das Igrejas, áquellas offerencia aiampadas de prata, a estas ornamentos de muito preço. No seu bairro naõ havia necessidade sem refugio, nem havia o seu principal estrago, que he a honra perdida sem remedio. As suas esmolas naõ se extendiaõ só a cubrir a desnudez, a matar a fome, a recuperar a faude, e a restituir a liberdade, chegavaõ com religioso desperdicio a dotar donzellas ou para o estado de casadas, ou de freiras. Estas saõ as esmolas, que confessaõ os agradecidos; quantas seraõ mais as que calem os ingratos, porque o pejo de agradecer he mayor que o de pedir? A caridade com os outros se seguia naõ a exercitar comigo Belchior do Rego, porque era muy descuidado da sua pessoa, mais abstimente que parco na mesa, muy modera-  
do

do no vestido, e nas alfaydas da sua casa, de forte que se Socrates não tinha mais que hum pallio, elle não tinha mais que huma toga, e se Epitecto se alumiava com hum candieiro de barro, elle se alumiava com outro de tão vil materia. Em premio da caridade de Belchior do Rego ficaraõ quando morreo as suas mãos flexiveis, que tanto se abriaraõ para os pobres; ficou aquelle rosto agradável, que nunca o mostrou mau á miseria, nem ao proximo. Foy acompanhado de pobres á sepultura, em caixaõ humilde, e de manhã para evitar até a pequena vaidade das honras funeraes; levou o seu cadaver as insignias de vencedor do mayor inimigo, com quem combate a natureza humana, e por cuja vitoria, e triunfo se assemelha á Angelica.

Morreo Belchior do Rego de 67. annos de idade, tendo occupado os mayores lugares da republica, os quaes unidos em hum só homem não honraõ menos os attributos do nosso Principe, que a memoria deste Ministro, pois mostra o favor desta uniaõ o conhecimento que S. Magestade tem dos seus vassallos, o cuidado de premiar a virtude, a confiança de não recear o muito poder, a benevolencia, e liberalidade de multiplicar as honras, e facilitar os despachos a quem o serve. Muito de proposito deixei de fallar na origem de Belchior do Rego, porque hum homem, que desprezou a sua posteridade, não estima a sua ascendencia; e se os pays merecem mayor respeito, os filhos consequem mayor amor. O que supposto, bastará dizer desta familia para testemunho, e elogio do seu sangue, da sua nobreza, da sua distincão, do seu merecimento, dos seus honrados principios, e louvaveis progressos, que servio ha mais de hum seculo a sempre Real, e hoje coroada Casa dos Serenissimos Duques de Bragança.



# LICENÇAS.

## DO SANTO OFFICIO.

EMINENTISSIMO SENHOR.

**A**S grandes virtudes do Desembargador Belchior do Rego de Andrade não pedião menor Panegyrista, que as elogiasse; e assim como aquellas são dignas de eterna memória, assim este Elogio merece eternisar-se no prelo; porque não contem cousa alguma contra nossa santa fé, e bons costumes. V. Eminencia mandará o que for servido. Lisboa Occidental Convento da Boa Hora dos Agostinhos descalços 17. de Abril de 1738.

*Fr. Antonio de Santa Maria.*

**V**ista a informação, póde-se imprimir o Elogio, que se apresenta, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 18. de Abril de 1738.

*Fr. R. de Lancastro. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu.*

## DO ORDINARIO.

**P**ode-se imprimir o Elogio, que se apresenta, e de pois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, para que corra. Lisboa Occidental 18. de Abril de 1738.

*Gouvea.*

## DO PACO.

S E N H O R.

**V**io o Elogio, de que trata a petição presente, e me pareceo digno de outro a elle semelhante. Assim anda a excellente penna de feu Excellentissimo Auctor versada nos acertos, que antes vem a ensinar as censuras, que a offerecerse a ellas, e com tão abonadas experiencias, que em tudo o que este grande Auctor escreve, só o que se lhe retarda no lido, se lhe suspende no elogiado. Assim me convenço que industriosa a sua bem meditada idea com o interesse de segurar os elogios proprios bem desempenhados se occupa em autorizar assumptos alhevos. É quem nelle tão sabia, erudita, e elegantemente discorre, não podia incorrer no erro de proferir couza, que encontrasse o real serviço de Vossa Magestade. Assim me parece muitas vezes digno de que honre a estampa para credito da materia, e interesse da leitura. Este he o meu sentir. Vossa Magestade ordenará o que for servido. S. Domingos de Lisboa Occidental em 21. de Abril de 1738.

*Fr. Lucas de Santa Catharina.*

Que se possa imprimir, vistas as licenças do santo  
Officio, e Ordinario, e depois de impresso torna-  
ra a esta Mesa para se conferir, e taixar para que  
se não corra sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 28. de  
Abril de 1738.

*Pereira. Teixeira. Coelbo.*

